

Índice

Introdução: A História Perdida da Espionagem Global	11
1 No Princípio: Espiões da Bíblia e do Egito Antigo, de Moisés à Última Ceia	25
2 Operações de Espionagem na Grécia Antiga: Mito e Realidade, de Ulisses até Alexandre, <i>o Grande</i>	43
3 Espionagem e Adivinhação na República Romana	61
4 <i>A Arte da Guerra</i> e o <i>Arthashastra</i> : Como China e Índia Tomaram uma Liderança Precoce Sobre Grécia e Roma	79
5 O Império Romano e os <i>Untermenschen</i>	100
6 Maomé e a Ascensão da Espionagem Islâmica	121
7 Inquisições e Contrassubversão	139
8 A Veneza do Renascimento e a Ascensão da Espionagem Ocidental	162
9 Ivan, <i>o Terrível</i> e as Origens da Segurança de Estado Russa	192
10 Isabel I, Walsingham e a Ascensão da Espionagem Inglesa	214
11 O Declínio da Espionagem Embrionária dos Stuart e de Espanha, e a Ascensão do <i>Cabinet Noir</i> Francês	256
12 Espionagem e Mudança de Regime na Grã-Bretanha: da Guerra Civil à Conjura Papista	286
13 A Espionagem na Época do <i>Rei Sol</i>	323
14 Criptógrafos e Espiões no Antigo Regime: da Sucessão da Casa de Hanôver à Guerra dos Sete Anos	359
15 A Espionagem e a Independência Americana	391
16 A Revolução Francesa e as Guerras Revolucionárias	418
17 As Guerras Napoleónicas	454

18	Espionagem e Contrarrevolução. Parte I: do Congresso de Viena às Revoluções de 1848	486
19	Espionagem e Contrarrevolução. Parte II: de 1848 até à Morte de Karl Marx	516
20	O Telégrafo, as Guerras de Meados do Século e o «Grande Jogo»	537
21	«A Idade de Ouro do Assassinato»: Anarquistas, Revolucionários e a Mão Negra, 1880-1914	568
22	As Grandes Potências e a Espionagem Internacional, 1890-1909	599
	Créditos das Imagens	631
	Bibliografia	635
	Abreviaturas usadas nas Notas e Bibliografia	699
	Notas	701
	Agradecimentos	743
	Índice Onomástico	747

Introdução: A História Perdida da Espionagem Global*

A espionagem do século XXI sofre de uma amnésia histórica de longo prazo. No início da Guerra Fria, o historiador Sherman Kent, fundador da análise de espionagem, queixava-se de que a espionagem era a única profissão que carecia de literatura séria: «Do meu ponto de vista trata-se de uma questão da maior importância. Enquanto esta disciplina carecer de uma literatura, os seus métodos, o seu vocabulário, o seu corpo doutrinário e até a sua teoria fundamental correm o risco de nunca atingirem a plena maturidade¹.» Se havia maior dificuldade em aprender as lições históricas da espionagem do que as de qualquer outra profissão, isso acontecia sobretudo por serem tão escassos os registos da sua experiência passada. Os serviços de espionagem ocidentais coevos e subsequentes da Segunda Guerra Mundial sabiam muito pouco da espionagem de antes – e até de durante – da Primeira Guerra Mundial. Isso era verdade até no que se refere à «Estação X» de Bletchley Park, que conseguiu maior êxito na decifração de códigos inimigos do que qualquer outra agência alguma vez alcançara. Por três vezes ao longo dos últimos 500 anos, a Grã-Bretanha estivera sob ameaça de grandes invasões: da Armada de Filipe II de Espanha, em 1588, de Napoleão, em princípios do século XIX, e de Hitler, em 1940. Mas, embora integrassem alguns historiadores ilustres, os decifradores de Bletchley Park que conseguiram resolver o problema das cifras de Hitler não tinham a menor ideia de que os seus antecessores tinham decifrado os códigos de Filipe

* Texto introdutório da edição original, publicada num único volume. A edição portuguesa sai em dois volumes. O segundo, no prelo, cobre o período que vai da Primeira Guerra Mundial até à atualidade. (N. do E.)

II e de Napoleão, em outros tempos de crise nacional.* Nenhuma outra profissão de tempo de guerra era tão ignorante do seu próprio passado. É impossível pensar, por exemplo, num economista que nunca tivesse ouvido falar da Revolução Industrial.

Durante os séculos que antecederam a Segunda Guerra Mundial, os britânicos cultos sempre souberam muito mais das operações de espionagem relatadas na Bíblia do que acerca do papel da espionagem em qualquer momento determinado da sua própria história. O Antigo Testamento (o Tanakh dos Judeus) contém mais referências a espões do que qualquer *História da Grã-Bretanha* ou da maior parte dos outros países. A maior parte dos alunos vitorianos, bem como a maioria dos adultos, sabiam, por exemplo, que Moisés enviara agentes em missão de espionagem à Terra Prometida; e que José, depois de se tornar vizir do faraó do Egito, fingiu não reconhecer os seus irmãos mais velhos errantes e acusou-os de serem espões vindos para avaliar os pontos fracos das defesas egípcias; e que Judas Iscariotes se tornara um agente pago pelos altos sacerdotes na «Quarta-Feira dos Espões» da Semana Santa, e traíra Jesus. Moisés (Musa) é também profeta dos muçulmanos. Há 136 referências a ele no Corão – muitas mais do que a qualquer outro ser humano.** No Corão, como no Tanakh, Deus dá instruções a Moisés para que envie doze agentes a espiar a Terra Prometida que concedera aos Israelitas. A sua missão saldou-se pelo primeiro registo de insucesso de espionagem – menos por falta de qualidade da espionagem do que pelo uso que dela foi feito, como tantas vezes viria a acontecer em séculos futuros. Quarenta anos mais tarde, na sequência de uma operação mais bem organizada e segundo o relato bíblico, o sucessor de Moisés, Josué, conduziu os Israelitas até à Terra Prometida.²

Desde as missões desempenhadas pelos espões de Moisés e Josué em Canaã, a grande prioridade das operações de espionagem tem sido a obtenção de informação secreta que não pode ser obtida em fontes co-

* Todavia, o historiador Sir J.H. («Jack») Plumb, que serviu em Bletchley Park, conhecia a atividade de decifração da era de Robert Walpole, de que era biógrafo.

** Ao contrário, Maomé é nomeado apenas quatro vezes (embora lhe sejam feitas outras referências sem o seu nome). O Corão tem a ver com a mensagem, e não com o mensageiro.

nhecidas. Em princípios do século XXI, George Tenet, diretor da Central Intelligence Agency (CIA) resumiu em três palavras a principal missão da Agência: «Nós roubamos segredos.»³ Durante a Guerra Fria, Allen Dulles, o diretor da CIA mais longo no cargo, escreveu que ao longo dos séculos, as organizações de espionagem também tinham provado ser «veículos ideais de conspiração».⁴ Desde os tempos mais remotos, a espionagem tem, também, consistido em operações clandestinas destinadas a alterar o rumo dos acontecimentos mediante métodos que vão do engano ao assassinato – «medidas ativas», como lhes chamava o KGB do século XX. O engano mediante o recurso a um falso desertor desempenhou um papel decisivo na vitória ateniense na batalha naval de Salamina, em 480 a.C., num momento crítico da invasão da Grécia pelo Império Persa. Todavia, ao longo dos 2500 anos seguintes, o engano de Salamina não conquistaria mais que uma fração do interesse suscitado pelo engano ficcional do Cavalo de Tróia, que surge pela primeira vez na *Odisseia* de Homero, e seria retomado com mais pormenor na *Eneida* do poeta romano Virgílio.⁵ No século XX, ainda, a compreensão que o público tem das operações de espionagem sofre muitas vezes das fantasias – se não mesmo das confusões – da espionagem ficcional. Não há, nem de longe, praticante real da espionagem, vivo ou morto, tão conhecido como James Bond.

Nenhum autor da Grécia ou da Roma antigas mostrou uma compreensão da espionagem estratégica comparável com a dos sacerdotes judeus que escreveram, provavelmente durante os dois séculos antecedentes da idade de ouro de Atenas, os relatos bíblicos da espionagem realizada em Canaã pelos agentes de Moisés e Josué. São famosos os escritos de Tucídides, o grande historiador europeu da Antiguidade Clássica, sobre as causas da Guerra do Peloponeso, no século V a.C.: «O aumento do poderio de Atenas, e o alarme que suscitou em Esparta, tornaram a guerra inevitável.»⁶ Mas a espionagem em relação ao adversário não era uma prioridade nem para Atenas, nem para Esparta – nem, aliás, para Tucídides, embora fosse general, além de historiador.

Os primeiros livros a argumentar que a espionagem deveria ter um papel central na guerra e na paz foram escritos, não na Grécia ou em Roma, mas na China antiga e no subcontinente indiano: *A Arte da Guerra* (*Sunzi*

bingfa), tradicionalmente atribuída a um contemporâneo de Confúcio, o general chinês Sun Tzu (c. 544 a.C. - c. 496 a.C.); e o *Arthashastra*, um manual de estadismo atribuído a um proeminente conselheiro do fundador da dinastia máuria, que governou a Índia entre 322 e 187 a.C. O interesse renovado pela espionagem na China e na Índia do século XX deve-se em muito à redescoberta destas duas obras, negligenciadas durante séculos. Na Índia de hoje, o *Arthashastra* tem um estatuto comparável ao que *Política*, de Aristóteles, e *O Príncipe*, de Maquiavel, têm no Ocidente. Sun Tzu foi bem mais reverenciado na China comunista do que durante qualquer uma das dinastias imperiais desde o século III A. D. E mesmo nos Estados Unidos é mais frequentemente citado do que qualquer outro escritor ocidental que se tenha ocupado do tema da espionagem.⁷

Durante aquilo a que os Europeus chamariam mais tarde «A Idade das Trevas», e estando em declínio na Ásia a influência de Sun Tzu e do *Arthashastra*, os líderes mundiais das operações de espionagem eram Maomé e o Califado Islâmico, fundado no Médio Oriente após a sua morte em 632. Para unir as tribos da Península Arábica sob a bandeira do islão, Maomé desencadeou 27 batalhas e instigou cerca de 50 golpes de mão. Safiur Rahman Al Mubarakpuri, hoje talvez o mais lido dos seus biógrafos muçulmanos, declara que «o Profeta era o maior chefe militar de todo o mundo».⁸ Os *hadiths* (registos sagrados das palavras e feitos de Maomé) dão muitos exemplos da grande importância que deu à espionagem ao longo das suas campanhas militares. Todavia, tanto Al Mubarakpuri como outros biógrafos muçulmanos de Maomé mal referem as suas operações de espionagem,* que são mais frequentemente citadas pelos extremistas islâmicos.⁹

As únicas operações de espionagem em que a Europa medieval se tornou provavelmente líder mundial eram dedicadas ao que mais tarde viria a ser designado de contrassubversão. As «inquisições» católicas para

* Al Mubarakpuri refere-se a dois casos em que espões inimigos foram capturados e executados, mas apenas a uma instância em que o próprio Maomé tenha recorrido a um espão – durante a conquista do forte judaico de Az-Zubair; *Néctar Selado*, locs. 5729, 6432, 7293. Não existem quaisquer referências a espões em *Maomé, Profeta da Misericórdia*, de Topbas, e apenas uma (a espionagem dos coraixitas sobre as forças muçulmanas) na biografia não muçulmana de Karen Armstrong, *Muhammad, Prophet of Our Time*.

erradicar as heresias religiosas foram precursoras de outras campanhas muito mais abrangentes realizadas por Serviços Secretos e de espionagem de Estados monopartidários contra aquilo a que o KGB chamava «subversão ideológica». Provavelmente, também nenhum serviço secreto e de espionagem de antes do século xx teria capacidade para organizar os interrogatórios massivos ou elaborar os registos sofisticados ocorridos, por exemplo, aquando das inquisições clericais de meados do século xiii contra a heresia cátara do Languedoque.

A maior parte dos interrogadores seculares do século xx ignorariam que alguns dos seus métodos haviam sido concebidos séculos antes por inquisidores clericais. O *waterboarding* (simulação de afogamento) utilizado pelos interrogadores dos EUA para obter informações de dirigentes da al Qaeda depois do 11 de Setembro foi uma técnica inventada 500 anos antes pela Inquisição espanhola.¹⁰

Embora poucos historiadores tenham notado, o Renascimento europeu foi um ponto de viragem decisivo na história da espionagem. Pela primeira vez, a Europa conquistou a liderança mundial da espionagem, posição que permaneceria inquestionada até à Declaração de Independência Americana. Como os interrogadores do século xx, poucos ou nenhum dos defensores ou praticantes da espionagem do Renascimento teriam consciência de quantas vezes estavam a inventar a roda. Não ocorreu a Maquiavel que esse dito tão divulgado de que «nada é mais virtuoso num bom general do que o empenho em perscrutar os desígnios do inimigo»¹¹ se limitava a repetir uma máxima atribuída a Sun Tzu e datada de havia mais de dois milénios. Os decifradores do Renascimento que julgavam ter inventado a «análise de frequência» (uma descoberta crucial na história da criptoanálise) não faziam ideia de que ela fora descoberta pelo filósofo e criptoanalista muçulmano Yaquib ibn Ishaq al-Kindi, na «Casa da Sabedoria» de Bagdade mais de seis séculos atrás. Os Otomanos, que fizeram de Constantinopla a capital do seu Império Muçulmano, em 1453, parecem ter sido igualmente ignorantes dos feitos de Al-Kindi.¹²

O Renascimento marcou um ponto de viragem também na história da diplomacia, que esteve estreitamente ligada ao desenvolvimento da espionagem ocidental. Até então, os embaixadores desempenhavam

apenas missões diplomáticas específicas. No entanto, as cidades-Estado da Itália renascentista estabeleceram embaixadores residentes nas capitais umas das outras, um sistema que viria a ser o modelo das relações diplomáticas europeias, em geral. Visto que se esperava de muitos dos embaixadores residentes que, para além de representarem os respetivos governos, colhessem informações, o recrutamento de espões multiplicou-se. A diplomacia e a recolha de informações modernas coincidem, portanto. Desde 1573 até à sua morte em 1590, o principal ministro de Estado de Isabel I, Sir Francis Walsingham, combinou com sucesso os papéis de ministro dos Negócios Estrangeiros e chefe dos Serviços Secretos, tendo acesso diário à rainha e ao seu primeiro-ministro.¹³

Com uma exceção importante, nunca foi estabelecida qualquer separação clara entre diplomacia e espionagem na Europa Central e Ocidental até à criação de burocracias de espionagem em finais do século XIX. A exceção é aquilo a que hoje chamamos espionagem de sinais (SIGINT), derivada da interceção e descodificação de comunicações. A partir do Renascimento começaram a ser criadas pequenas agências especializadas na decifração de códigos, que exigia aptidões criptoanalíticas inexistentes nos restantes ramos da governação. Meio milénio mais tarde, o papel da SIGINT continua a ser uma lacuna grave na maior parte das histórias das relações políticas internas e externas de antes do século XX. Até aquelas *Histórias da Inglaterra Isabelina* que reconhecem a importância do papel de Walsingham pecam muitas vezes ao não darem o devido crédito ao seu chefe de criptoanalistas, que decifrou os códigos tanto de Maria, rainha dos Escoceses, como de Filipe II de Espanha, e que foi pessoalmente recompensado com uma pensão real por uma Isabel I agradecida.¹⁴

Durante os séculos XVII e XVIII houve uma correlação direta, embora incompleta (e sempre pouco notada pelos historiadores), entre os êxitos dos estadistas europeus na condução da política externa e o seu talento para explorarem a SIGINT. O mais hábil estadista do século XVII, o cardeal Richelieu, foi também o fundador da primeira agência francesa de SIGINT, o *cabinet noir* (gabinete negro), um termo que passaria a ser aplicado a agências similares ao longo dos séculos subsequentes. O seu diretor, a quem estava atribuído um *château* próprio, tinha mais estatuto

e era mais bem pago do que qualquer outro criptoanalista de antes do século xx. O seu par britânico, membro fundador da Royal Society, foi recompensado por Oliver Cromwell com uma cátedra na Universidade de Oxford, a qual manteve durante meio século. O estadista internacional mais competente de meados do século xviii, o conde (mais tarde príncipe) Wenzel Anton Kaunitz, que foi sucessivamente principal diplomata da Áustria e seu chanceler, era, também, o mais hábil utilizador de SIGINT.¹⁵ O talento de Richelieu e de Kaunitz na exploração das informações ficou em grande medida esquecido pelas gerações seguintes. Assim como nenhum ministro dos Negócios Estrangeiros francês de antes da Primeira Guerra Mundial se equiparou a Richelieu no aproveitamento da SIGINT, também nenhum dos sucessores de Kaunitz na Viena imperial possuía o seu instinto de espionagem diplomática.

O primeiro país a competir com a Europa na liderança da espionagem mundial foram os Estados Unidos do pós-Declaração de Independência de 1776. Ironicamente, o comandante-chefe do Exército Continental rebelde, George Washington, aprendera antes a importância da espionagem militar como oficial do Exército britânico em combate contra os franceses, que haveriam de tornar-se seus aliados na Guerra Revolucionária contra os britânicos. A eficácia das operações de espionagem de Washington, tanto no que respeita a HUMINT (espionagem humana), como a SIGINT (de comunicações) ultrapassou a dos seus adversários britânicos. Como primeiro presidente dos Estados Unidos, foi-lhe concedido pelo Congresso um fundo para financiar a espionagem internacional, fundo esse que chegou a representar cerca de 12% do orçamento federal – uma percentagem superior à da despesa massiva da espionagem americana de finais do século xx e princípios do século xxi.¹⁶

A história da espionagem não é linear. Tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, a espionagem internacional era menos prioritária no fim do que no começo do século xix. À exceção dos sucessores imediatos de Washington, nenhum presidente procurou aprender com o seu exemplo. Mesmo a Guerra Civil só serviu de breve interrupção no declínio de longo prazo da espionagem dos EUA. Também a espionagem vitoriana estava em declínio. Em consequência do encerramento do

Deciphering Branch (Ramo de Descodificação) em 1844, após protestos parlamentares, a Grã-Bretanha entrou na Primeira Guerra Mundial sem dispor de uma agência de SIGINT, ao contrário do que acontecera nas principais guerras dos séculos XVI, XVII, XVIII e princípios do século XIX.* Quando a guerra deflagrou, em 1914, o presidente americano, Woodrow Wilson, e o primeiro-ministro britânico, Herbert Asquith, entendiam menos de espionagem do que os seus homólogos do século XVIII, George Washington e os dois Pitt. Tais lacunas passaram despercebidas tanto aos seus contemporâneos como à maioria dos historiadores da época. Despercebido passou, também, o facto de que o czar Nicolau II, sendo embora menos inteligente que Wilson ou Asquith, tinha a espionagem em muito mais alta prioridade. Devido à falta de conhecimentos sobre o papel da SIGINT, nenhuma história do século XX sobre as origens da Primeira Guerra Mundial refere que foi através da decifração de documentos diplomáticos que tanto São Petersburgo como Paris tiveram a primeira indicação em julho de 1914 de que a Áustria se preparava para dirigir à Sérvia o ultimato que desencadearia a guerra.¹⁷

Graças à escala e intensidade ímpares numa era de avanços tecnológicos igualmente sem par, a Primeira Guerra Mundial marcou um ponto de viragem na história da espionagem ainda maior do que o Renascimento. A enorme aumento de comunicações tornado possível pela invenção do telégrafo e da telegrafia sem fios no século XIX concedeu à SIGINT um papel operacional ainda mais relevante do que em qualquer conflito anterior. Todavia, e em particular nos primeiros estágios da guerra, a ignorância dos chefes militares em relação a anteriores experiências deixou-os impreparados para tirarem proveito da espionagem. Apesar dos êxitos da espionagem internacional russa nos anos que precederam a guerra, a espionagem militar russa era bem menos eficaz no dealbar do conflito do que fora um século antes, em vésperas da invasão napoleónica da Rússia. Em poucas semanas, a sua incompetência conduziu à pior derrota russa na guerra.

* Todavia, o governo da Índia tinha uma pequena agência de SIGINT na província da Fronteira Noroeste.

O recurso à espionagem por parte de governos e altos comandos militares durante a Primeira Guerra Mundial teve, portanto, muito de improvisação. Embora a SIGINT viesse a revelar-se decisiva nas operações navais britânicas, em agosto de 1914 o diretor do Serviço de Informações da Marinha ainda nem pensara qual seria o papel do seu serviço em tempo de guerra, quando começaram a empilhar-se sobre a sua secretária mensagens navais alemãs que haviam sido interceptadas. Estas intercepções inesperadas conduziram o Almirantado a fundar prontamente a primeira agência de SIGINT britânica desde 1844, a qual, com a sua contraparte do Exército, o MI1b, se tornaria líder mundial no seu campo durante a guerra. Também a criação da Cheka bolchevique, antecessora do KGB, meras seis semanas após a revolução de outubro de 1917 haveria de resultar de rápida improvisação. Embora se tenha tornado no maior e mais poderoso serviço de espionagem do mundo durante o período entre guerras, a Cheka nascera como simples expediente temporário para lidar com uma ameaça de greve dos funcionários públicos.

A Primeira Guerra Mundial desencadeou, mais do que qualquer outro conflito anterior, várias tentativas, muito diversas de país para país, para aprender as suas lições de espionagem. Os êxitos da SIGINT britânica da Segunda Guerra Mundial devem muito às lições aprendidas na Primeira – entre elas, a da necessidade de melhor coordenação. O facto de os Estados Unidos não terem aprendido a mesma lição explica em muito a confusão de SIGINT que precedeu, e ajudou a tornar possível, o ataque-surpresa japonês contra Pearl Harbor. Ao longo de mais de um ano antes de Pearl Harbor, os criptoanalistas rivais do Exército e da Marinha receberam a bizarra ordem de decifrarem os telegramas diplomáticos japoneses em dias alternados.

Cada um dos *Três Grandes* da Segunda Guerra Mundial – José Estaline, Winston Churchill e Franklin Roosevelt – fora mais influenciado do que normalmente se julga por experiências suas de espionagem durante a Primeira Guerra Mundial. Depois da Revolução Bolchevique, Estaline gastou anos a estudar e a fazer notas praticamente em cada página do enorme ficheiro de vários volumes que a Okhrana czarista criara sobre ele. Churchill tinha uma experiência mais longa e variada da espionagem

do que qualquer outro dirigente do tempo de guerra. Uma das grandes lições aprendidas tanto por ele como pelo menos experiente Roosevelt no tempo da Primeira Guerra Mundial foi a da importância da colaboração dos serviços de espionagem na Segunda. A admiração de Roosevelt pelo que chamava de «o admirável Serviço Secreto» britânico da Primeira Guerra Mundial levou-o, como presidente, a aprovar a colaboração entre serviços de inteligência, mesmo antes de Pearl Harbor e quando os Estados Unidos eram ainda oficialmente neutrais. A aliança de tempo de guerra entre a SIGINT do Reino Unido e a dos EUA foi a pedra de toque de uma Relação Especial que ainda hoje perdura. Ao arripio do que criam muitos dos seus praticantes, não foi a primeira aliança de SIGINT da história britânica (essa fora celebrada entre a Inglaterra isabelina e a Holanda,¹⁸ embora continue a ser a mais importante de sempre.

Desde finais do século xx, foram publicadas mais obras sobre operações de espionagem durante a Segunda Guerra Mundial do que alguma vez haviam sido publicadas sobre o papel da espionagem em qualquer outro conflito. Todavia, e durante o tempo de toda uma geração, os historiadores estiveram seriamente condicionados pela confidencialidade imposta sobre os principais êxitos ocidentais (particularmente britânicos) do tempo de guerra contra a Alemanha nazi. E, acima de tudo, as informações ULTRA conseguidas mediante a decifração de códigos inimigos de alto nível e do Sistema da Dupla Cruz, a mais bem-sucedida operação estratégica de engano da história dos conflitos militares. Só quando estas operações foram desclassificadas em princípios e meados da década de 1970 é que se tornou possível escrever relatos rigorosos sobre a guerra contra os *U-boats* no Atlântico Norte e os desembarques do Dia D nas praias da Normandia.

Apesar do desenvolvimento da história da espionagem desde a década de 1980, o estudo atual da Guerra Fria sofre muito do mesmo tipo de negligência da SIGINT que até aos anos de 1970 prejudicou, e por vezes distorceu, a compreensão da espionagem da Segunda Guerra Mundial. Nenhum dos biógrafos de Harry S. Truman menciona o facto de que o presidente ficou de tal forma impressionado com os resultados da aliança anglo-americana de SIGINT dos tempos de guerra que aprovou

a sua manutenção em tempos de paz, e com isso influenciou profundamente o aprofundamento da Relação Especial. Embora os estudos sobre a política externa dos EUA durante a Guerra Fria mencionem invariavelmente a Central Intelligence Agency (CIA), raramente surgem referências à atividade mais abrangente da National Security [SIGINT] Agency (NSA). A virtual exclusão da SIGINT da história das relações internacionais do pós-guerra explica em parte por que razão tantos americanos cultos julgam erradamente que os espões atômicos Julius e Ethel Rosenberg, ambos executados na cadeira elétrica, bem como outros importantes espões soviéticos detetados nos EUA, foram vítimas inocentes da paranoia oficial e da histeria macartista. Documentos soviéticos decodificados e divulgados pela NSA e pelo Government Communications Headquarters (GCHQ) após a Guerra Fria provam que eram culpados de todas as acusações.

A história da rivalidade entre as duas superpotências durante a Guerra Fria foi distorcida, também, pela capacidade do KGB de preservar os seus segredos operacionais, com bem maior sucesso do que a CIA. Nenhum relato sobre política americana no Terceiro Mundo omite o papel das operações clandestinas da CIA. Ao contrário, as operações clandestinas do KGB (as «medidas ativas») passam praticamente ignoradas pela maior parte das histórias sobre política externa soviética ou sobre o Terceiro Mundo. O resultado é uma versão estranhamente distorcida da Guerra Fria secreta no Terceiro Mundo, que em termos de inteligência seria o equivalente a bater palmas só com uma mão. A notável história da Guerra Fria, de John Lewis Gaddis, por exemplo, regista as operações secretas da CIA no Chile, em Cuba e no Irão, mas não faz qualquer referência às extensivas operações soviéticas nesses mesmos países.¹⁹ Na verdade, e como revela o material que transpirou dos arquivos do KGB depois da Guerra Fria, desde pelo menos o início da década de 1960 em diante o KGB desempenhou um papel mundial ainda mais ativo do que a CIA.

Na Grã-Bretanha, o exagero do secretismo oficial sobre os Serviços Secretos, implementado tanto por governos trabalhistas como conservadores ao longo da Guerra Fria, também comprometeu o desenvolvimento da história da espionagem. Nem sequer a existência do Secret

Intelligence Service (SIS ou MI6, Departamento 6 do Ministério do Interior) foi oficialmente reconhecida até ao momento do discurso da rainha na abertura do Parlamento em 1992. Neste mesmo ano, Stella Rimington tornou-se a primeira diretora-geral do MI5 a ser publicamente identificada. Historiadores de género que nunca tinham conseguido saber, nem desde a Primeira Guerra Mundial, se o MI5 recrutara mulheres porque todos os seus ficheiros (muitos deles desclassificados desde então)* eram secretos, foram surpreendidos com a constatação de que o Security Service se tornara o primeiro dos principais Serviços Secretos do mundo a ser chefiado por uma mulher. A perplexidade dos média britânicos perante a nomeação de Rimington ficou bem patente em cabeçalhos como «DOMÉSTICA SUPERESPIONA» E «MÃE DE DOIS FILHOS COMBATE TERRORISTAS».

Durante a maior parte da Guerra Fria, poucos analistas dos Serviços Secretos ocidentais compreenderam a desvantagem em que se encontravam devido à lacunar investigação académica sobre o tema e à sua própria falta de perspetiva histórica. Exceção notável a esta regra foi Sherman Kent, historiador de Yale, que desempenhou funções de analista durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, num total de 17 anos. O primeiro boletim especializado sobre Serviços Secretos, *Studies in Intelligence*, proclama desde logo: «Todos as declarações de facto, opinião, ou análise... são da responsabilidade dos seus autores. Não refletem necessariamente posições oficiais ou pontos de vista da Central Intelligence Agency ou de qualquer outro órgão do governo dos EU, do presente ou do passado.» O primeiro jornal académico, *Intelligence and National Security*, coeditado por Michael Handel e pelo autor deste livro, não começou a ser publicado senão 30 anos depois de *Studies in Intelligence*.

A ausência de visão histórica de longo prazo era tão patente no desempenho dos Serviços Secretos de finais do século xx como no início da Guerra Fria. Durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, as agências de espionagem ocidentais ficaram bem versadas nas ideologias

* Para muitos dos seus ficheiros, o MI5 obedece hoje a uma regra informal de desclassificação após 50 anos, entregando largos volumes aos Arquivos Nacionais uma ou duas vezes por ano.

nazi e comunista. Mas o Ocidente crescentemente secularizado de finais do século xx encontrou bem maiores dificuldades para compreender o apelo do fundamentalismo islâmico. Essa incompreensão da força política do extremismo religioso ficou gritantemente patente durante a crise do Irão, que conduziu à queda do xá pró-ocidental em início de 1979 e à subida ao poder de um velho aiatola, Ruhollah Khomeini, de 78 anos. «Quem é que levava a religião a sério?!», interrogava-se, perplexo, um responsável do Departamento de Estado, depois de Washington ser apanhada de surpresa pelo triunfo popular de Khomeini.²⁰ Ao longo da década subsequente, foram muitos os analistas ocidentais a que da mesma forma escapou a compreensão do apelo da al Qaeda, e a ameaça terrorista que ela representava exigiu um estudo sério da sua teologia. Os que melhor compreenderam a ameaça do terrorismo islâmico de antes do 11 de Setembro foram aqueles que, como Bruce Hoffman, mais proeminente especialista do «Terror Sagrado», estavam armados de uma perspetiva histórica de longo prazo.

A alvorada da guerra informática e a candente ameaça de utilização terrorista de armas de destruição massiva colocam à comunidade de espionagem do século XXI novos e dramáticos desafios. Para lhes responder com a maior eficácia possível será, porém, necessário ter essa perspetiva de longo prazo que tantas vezes foi esquecida ou ignorada. Aprender com as experiências passadas é, no entanto, coisa mais fácil de dizer do que de fazer, na espionagem como na maior parte dos domínios. Para citar o historiador John Bew:

A história não se entrega facilmente aos PowerPoints ou aos resumos para executivos em que cada vez mais assentam as decisões dos nossos protagonistas políticos... O verdadeiro entendimento da história exige uma paciência que é difícil de conciliar com a urgência da política. Um bom ponto de partida será ver o passado como fonte de sabedoria, mais do que de revelação.²¹

«Só a perspetiva histórica de longo prazo conseguirá», escreve Quentin Skinner, antigo professor catedrático de História em Cambridge,

«libertar-nos do provincianismo dos nossos métodos de análise cultural».²² A análise estratégica de informações que ignore o longo prazo é necessariamente provinciana.

Há alguns sinais de progresso. O estudo acadêmico da história da espionagem, que mal existia há pouco mais de uma geração, floresce atualmente entre uma minoria (todavia, em expansão) de universidades dos dois lados do Atlântico. No início do século XXI, cada uma das três agências de informações britânicas, bem como o Joint Intelligence Committee, encomendaram Histórias oficiais ou «autorizadas» a historiadores profissionais independentes, a quem foi concedido largo acesso aos ficheiros.* Todos eles seguiram os princípios pioneiros enunciados por Sherman Kent em *Studies in Intelligence*, meio século antes.**

Com mais frequência do que nunca, a espionagem do século XXI é tema das primeiras páginas dos jornais. Relatórios oficiais sobre o 11 de Setembro e a Guerra do Iraque, bem como denúncias de fontes não oficiais, tornaram públicas quantidades inéditas de material secreto. Mas a relevância da história mais recente da espionagem só poderá ser avaliada numa perspetiva de longo prazo. Como sucede em tantos outros domínios no princípio do século XXI, os estudos sobre espionagem padecem muitas vezes daquilo a que chamei Perturbação de Défice de Atenção Histórica (PDAH).

A história das operações secretas é bem mais antiga do que qualquer das agências atualmente existentes. *O Mundo Secreto* pretende recuperar parte da história perdida da espionagem dos últimos três milénios, para mostrar como ela altera a historiografia atual, e para demonstrar a sua iniludível relevância para a espionagem do século XXI.

* Todavia, as três agências do Reino Unido divergiram sobre que porção da sua história deveria ser tornada pública. A minha história autorizada sobre um século de MI5, *Defence of the Realm*, cobre os seus primeiros 100 anos, embora em pormenor substancialmente menor no século XXI, comparativamente com o século XX. A história oficial do SIS/MI6 para em 1949. A história da agência oficial de SIGINT, GCHQ, a publicar em 2019, será provavelmente lacunar em pormenores da SIGINT do tempo da Guerra Fria.

** O diretor-geral do Security Service (MI5), Jonathan Evans (hoje barão Evans de Weardale), escreveu num prefácio ao meu *Defence of the Realm*, publicado em 2009: «Os juízos e conclusões formulados pelo Professor Andrew na História são os seus, e não os do Security Service ou do governo em geral.»